



# AS BIG TECHS E O USO DA MISOGINIA COMO ARMA NO ECOSSISTEMA ONLINE BRASILEIRO

Uma avaliação das ameaças digitais às  
mulheres na vida pública



## As Big Techs e o Uso Da Misoginia como Arma no

### Ecosistema Online Brasileiro

#### Objetivos da Pesquisa

Em 2023, a #ShePersisted realizou uma análise detalhada do panorama das narrativas, temas e táticas de gênero comuns no Brasil circulando nas principais plataformas online, para analisar o discurso acerca dos alvos de ataques de desinformação de gênero como parte de uma série de pesquisas realizadas em alguns países, tais como Índia, Tunísia, Hungria e Itália. Essa iniciativa foi chamada [#MonetizingMisogyny](#).

Em 2024, a #ShePersisted refinou essa análise com uma investigação forense acerca das evidências relacionadas aos padrões, *modi operandi* e motivos em torno da desinformação de gênero direcionada às mulheres brasileiras na política e no jornalismo. Uma pesquisa de opinião pública nacional foi conduzida no Brasil em março de 2024, a fim de entender melhor as atitudes do público brasileiro em relação às empresas responsáveis por redes sociais, assim como às ofensas online e à igualdade de gênero.

**Este relatório apresenta uma análise geral da amplitude e da abrangência das ameaças digitais dirigidas às mulheres na esfera pública, proporcionando uma compreensão mais aprofundada de como o ambiente online é empregado como uma ferramenta de ataque contra defensoras dos direitos das mulheres no Brasil.**

#### A Metodologia que fundamentou a Análise

- **A avaliação da toxicidade e o processamento de linguagem natural foram realizados** em três plataformas (Facebook, X e comentários do YouTube), em colaboração com o [The Nerve](#), uma empresa de análise de dados, fundada por Maria Ressa, uma renomada especialista em desinformação, que visa oferecer *expertise* digital para a análise de redes e de narrativas que minam as instituições democráticas, prejudicando os direitos das mulheres.

- **Uma pesquisa nacionalmente representativa realizada no Brasil em março de 2024**, pela [Lake Research Partners](#), uma empresa de pesquisa de opinião, fundada e liderada por mulheres com décadas de experiência nos Estados Unidos e em outros países, que possui ampla *expertise* tanto em pesquisas como na criação de estratégias para combater narrativas de gênero. Tal pesquisa nos permitiu compreender melhor as preocupações dos eleitores brasileiros, incluindo `aquelas relacionadas à segurança online e à desinformação de gênero. A agência conduziu pesquisas online com uma amostra nacionalmente representativa de 1050 eleitores registrados no Brasil, no período de 14 a 26 de março de 2024.
- **Análise qualitativa realizada por meio de um estudo de caso em 2023, com foco na análise da [#ShePersisted Analysis of Gendered Disinformation Trends](#)** no Brasil. Esse processo envolveu a análise de mais de 68 artigos, trabalhos acadêmicos, publicações de *think tanks* e apresentações de conferências relacionadas à desinformação, gênero e desenvolvimentos políticos no país. Entrevistas com informantes-chave foram conduzidas para identificar áreas temáticas e tendências observadas nos ataques online por parte daqueles que experimentaram tais situações ou trabalharam para fornecer apoio e assistência às vítimas.

### Resumo dos Resultados

- A maioria dos eleitores no Brasil considera que as plataformas de redes sociais não estão suficientemente regulamentadas e manifesta apoio às iniciativas governamentais destinadas a proteger os usuários das plataformas e o público em geral, com especial atenção à proteção de crianças e mulheres jovens.
- O "Projeto de Lei das Fake News" conta com uma ampla aprovação no país, alcançando 77%<sup>1</sup> de apoio. Além disso, 65% dos brasileiros entendem que as empresas donas das redes sociais beneficiam-se economicamente da propagação de mentiras e desinformação. Uma porcentagem idêntica (65%) acredita que estas empresas contribuem para intensificar a polarização na sociedade brasileira.

---

<sup>1</sup> Questões da Pesquisa: No combate à disseminação de desinformação na internet, autoridades brasileiras formularam o "Projeto de Lei das Fake News". A proposta legislativa determina que as plataformas de conteúdo digital adotem medidas sistemáticas, preventivas e proativas, visando prevenir ou atenuar atos ilícitos que fomentem ou promovam: delitos contra o Estado Democrático de Direito e o Terrorismo; infrações de cunho racista; delitos que atentem contra a saúde pública; ofensas aos direitos de crianças e adolescentes; delitos relacionados ao estímulo, incitação ou auxílio ao suicídio ou à autolesão; além de violência contra a mulher. Tais plataformas estarão sujeitas a responsabilização legal em casos de não cumprimento das normas por parte de usuários terceiros.

- A desinformação de gênero é usada por redes de caráter autoritário para atacar seus críticos. Os ataques de gênero e narrativas de desinformação foram impulsionados por grupos e atores para promover ideologias contra os direitos das mulheres. Essas redes frequentemente usam a religião, até mesmo se passando por figuras ou grupos religiosos, como uma ferramenta para semear divisão ou lançar dúvidas sobre o caráter das mulheres em posições de autoridade.
- A grande maioria dos brasileiros expressou preocupação com a forma como as mulheres são tratadas online, com mais de dois terços mostrando preocupação com vídeos "deep fake" que se espalham pelas redes sociais. 78% dos brasileiros acreditam que é particularmente importante estabelecer regras e regulamentações para impedir a desinformação de gênero online.
- Mesmo com redes ativas de checagem de fatos e iniciativas da sociedade civil tentando proteger a integridade da informação, a desinformação de gênero se espalha. As narrativas de desinformação se mantiveram online, mesmo após serem desmentidas por verificadores de fatos, o que evidencia os esforços coordenados para manter as mentiras circulando.
- Quase 70% dos brasileiros acreditam que o Brasil, como país, pode garantir que todas as pessoas sejam tratadas de forma justa e igualitária, independentemente de gênero, religião, raça ou país de origem.
- Embora haja uma forte crença nos papéis de gênero tradicionais no Brasil, com mais de três quartos (77%) plenamente de acordo e 87% que apoiam a ideia de que "as mulheres devem ser amadas e protegidas pelos homens", ao mesmo tempo, uma expressiva maioria (76%) acha que seria melhor para o país se mais mulheres estivessem na política.

***Definições: O que é desinformação de gênero?***

A desinformação de gênero é a disseminação deliberada de informações ou imagens mentirosas ou falsas sobre mulheres que ocupam cargos de destaque na política, assim como jornalistas e mulheres com visibilidade, a partir de estereótipos sobre o papel das mulheres. Esse tipo de desinformação é projetado para prejudicar a

reputação de candidatas a cargos eletivos, silenciar as que se opõem a tais comportamentos e desencorajar outras mulheres de se envolverem politicamente<sup>2</sup>.

- *Setenta e seis por cento dos brasileiros entrevistados estão preocupados com isso.*

### **Por que isso importa?**

O Brasil é um exemplo crucial de como a desinformação de gênero contribui para o retrocesso democrático. Durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, o país vivenciou uma deterioração dos princípios democráticos, exacerbados por violações de direitos humanos, misoginia e desigualdade racial. Sob a liderança de inclinação de extrema direita desse governo, a desinformação de gênero foi uma ferramenta-chave para fortalecer o poder do governo, atacar ativistas e jornalistas mulheres e diminuir o espaço da sociedade civil.

## **Análise Detalhada**

### **A toxicidade online em relação às mulheres em posições de liderança é especialmente alta no Brasil.**

Por meio da análise de mais de um milhão de dados coletados para esta pesquisa, de todos os posts "tóxicos" coletados de 2019 a 2024, o X teve a maior porcentagem de ataques de gênero, seguido pelos comentários do YouTube e depois pelo Facebook. No X, cerca de 61% dos posts continham ataques de gênero, no YouTube eles somaram 59,8% dos comentários e, no Facebook, 53,4% dos posts continham ataques de gênero.

#### *Sobre a pontuação de toxicidade*

A análise forense conduzida pela The Nerve foi feita utilizando o [Perspective](#), uma API de código aberto que utiliza modelos de *machine learning* para classificar postagens e comentários em redes sociais com base em uma variedade de atributos. A Nerve associou #ShePersisted aos [parâmetros](#)



The infographic displays data for three platforms: Facebook, X, and YouTube. Each platform is represented by its logo and a list of search criteria used for data collection.

- Facebook:**
  - Posts públicos que mencionam o nome dos alvos
  - Páginas do Facebook e Grupos públicos do Facebook
  - Janeiro de 2019 a Janeiro de 2024
- X:**
  - Posts que mencionam o nome dos alvos
  - Contas públicas do X
  - Novembro de 2021 a Janeiro de 2024
- YouTube:**
  - Comentários mencionando o nome de alvos
  - Novembro de 2021 a Janeiro de 2024

<sup>2</sup> [The Problem](#), #ShePersisted

de ameaça, especialmente projetados para identificar ataques direcionados a mulheres na política online. Esses parâmetros não visam abranger toda a toxicidade em relação às mulheres, mas sim desenvolver uma metodologia precisa com base na pontuação do Perspective.

A figura (à direita) apresenta os conjuntos de dados incluídos nesta análise para cada plataforma. O WhatsApp não está incluído devido à natureza de suas mensagens privadas, enquanto o Instagram também não está listado porque o texto contido em imagens não é capturável, e o conteúdo de vídeo está além do escopo deste projeto de pesquisa. Durante a análise, as postagens foram filtradas utilizando a pontuação de toxicidade para identificar aquelas altamente prováveis de serem prejudiciais. Os pesquisadores estabeleceram um limite de 0,6\* como pontuação de referência, selecionando todas as postagens detectadas pelo algoritmo como sendo 60% tóxicas. Após uma revisão humana das postagens altamente prováveis de serem tóxicas, os comentários do YouTube apresentaram a maior toxicidade, seguidos pelo X e Facebook.

Os brasileiros expressam uma profunda preocupação com os danos causados pelas redes sociais online.

Quais fontes de mídia os brasileiros mais confiam? No Brasil, as fontes de informação mais confiáveis são amigos, familiares e colegas (27% com muita confiança), seguidas por jornais e revistas (25%), rádio (25%) e emissoras de TV (24%). Enquanto isso, plataformas como YouTube, Instagram, WhatsApp e Facebook são vistas positivamente pelo público em geral, em termos de confiabilidade.

- o **YouTube** – 64% confiam, 34% não confiam
  - o **Instagram** – 54% confiam, 42% não confiam
  - o **WhatsApp** – 50% confiam, 47% não confiam
  - o **Facebook** – 43% confiam, 53% não confiam

Plataformas como o X (anteriormente Twitter), TikTok e Kwai são percebidas como menos confiáveis.

- o **X** – 38% confiam, 50% não confiam
- o **TikTok** – 30% confiam, 61% não confiam
- o **Kwai** – 27% confiam, 60% não confiam

Embora o público demonstre um certo ceticismo em relação às redes sociais em geral, ele confia significativamente nas postagens e notícias compartilhadas por amigos, familiares e colegas. Portanto, mesmo plataformas com avaliações de baixa confiança

podem exercer um grande impacto quando a informação é compartilhada por alguém em quem se confia. Os eleitores com menos de 50 anos são menos céticos em relação às redes sociais como fonte de notícias do que os mais velhos.

### **Os brasileiros estão preocupados com os prejuízos causados pela internet?**

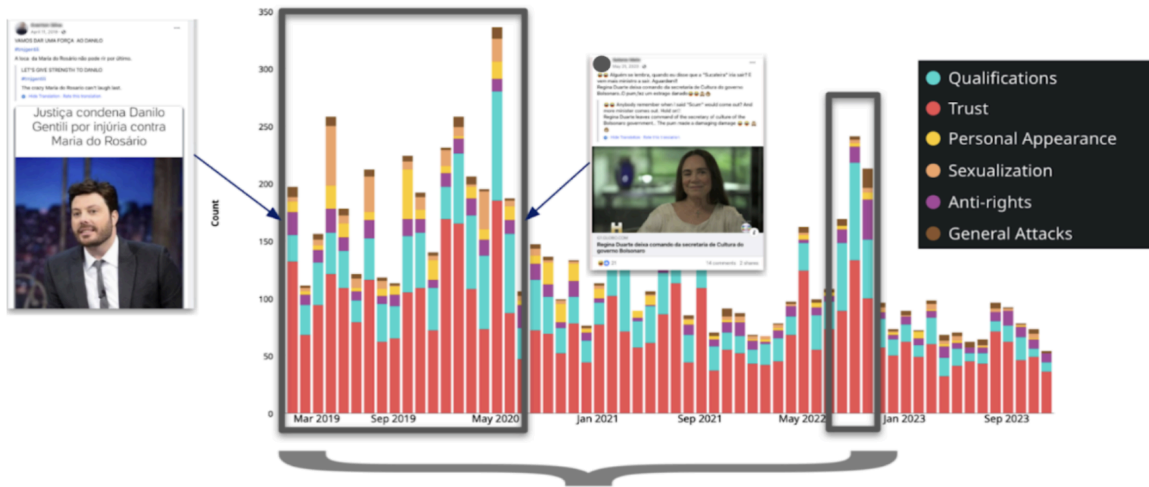
Com certeza! Mais de dois terços dos eleitores registrados pesquisados expressaram uma "séria preocupação" sobre diversos danos comuns causados pela internet nas redes sociais, incluindo:

- Golpes, fraude e/ou *phishing* (81%)
- Tráfico Humano (80%)
- *Fake news* (78%)
- *Bullying* e/ou assédio (78%)
- Racismo (78%)
- Vídeos de *Deep fake* (77%)
- Discurso de ódio (76%)
- Misoginia e a forma como a imprensa retrata mulheres e meninas (67%)

Além disso, 62% dos eleitores brasileiros acreditam que as redes sociais não estão conseguindo proteger mulheres e meninas contra o assédio online.

### **O que alimenta a desinformação de gênero?**

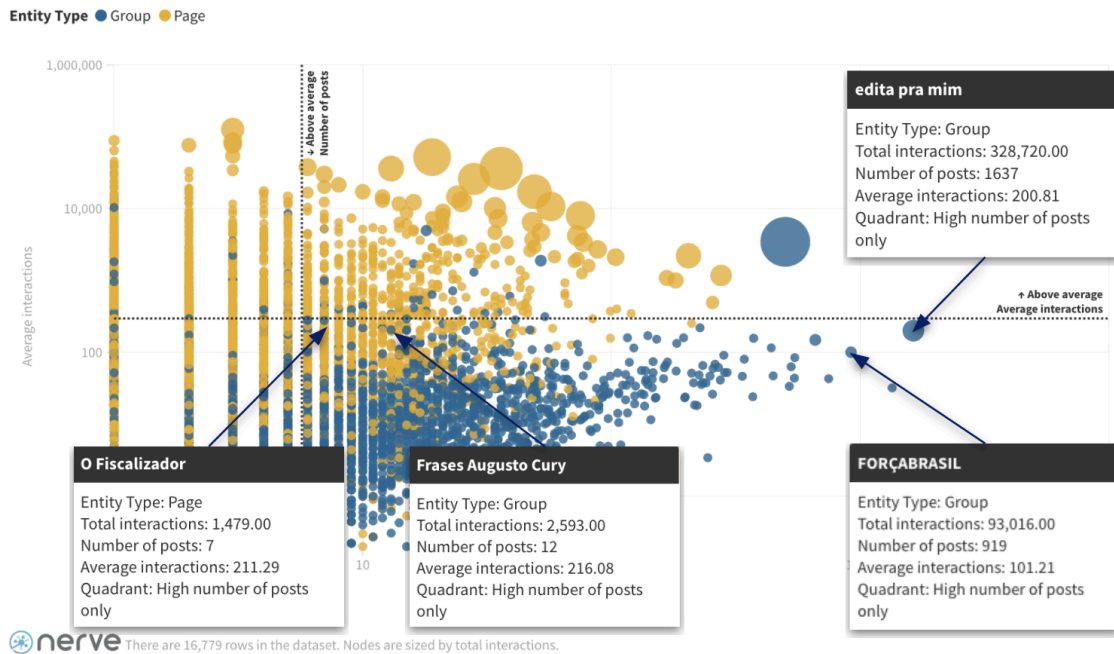
A análise forense evidencia claramente que os ataques de gênero e a desinformação foram mais preponderantes durante o mandato do presidente Bolsonaro, impulsionados por suas declarações, bem como pelas de seus apoiadores e aliados de extrema direita.



Mandato de Bolsonaro: 1º de janeiro de 2019 – 31 de dezembro de 2022

LINHA DO TEMPO DE POSTAGENS DO FACEBOOK

A análise revela ainda que as fontes das narrativas de desinformação estavam entre as mais ativas no conjunto de dados, todas pertencentes ideologicamente à extrema-direita. Esses atores frequentemente inserem conteúdo político em espaços online que geralmente são neutros politicamente, como uma tática para ampliar sua influência. Além disso, houve esforços para infiltrar comunidades não políticas, incluindo grupos religiosos, culturais e de estilo de vida, direcionando essas narrativas de desinformação para eles.

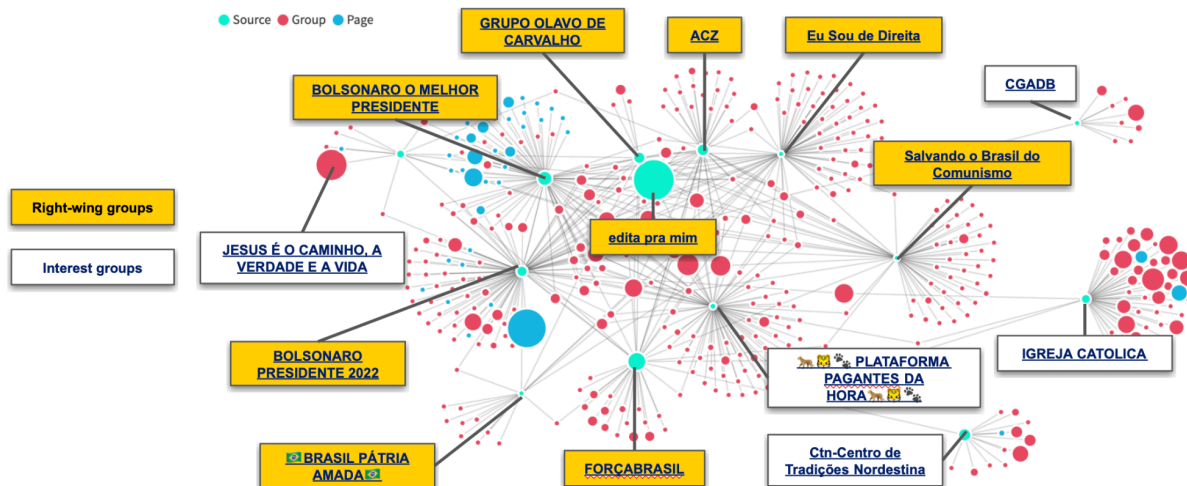


nerve There are 16,779 rows in the dataset. Nodes are sized by total interactions.



Uma análise mais aprofundada desses grupos de interesse revelou uma rede compartilhada de amplificadores com tendências de direita, em que foram identificados ataques de gênero e disseminação de desinformação. Isso sugere um acesso mais amplo a uma rede para disseminação de conteúdo prejudicial no Brasil. Um exemplo notável é um grupo que utiliza a religião como tática deliberada para espalhar desinformação no país. O grupo do Facebook se intitula "Igreja Católica" e alega ser "criado pelo Papa Francisco" é, na verdade, um perfil falso criado por um homem na Espanha, que possui um link de site inativo e faz referência a um antigo bispo espanhol.

Os pesquisadores da #ShePersisted observaram uma tendência semelhante de ativação de contas "religiosas", que, quando não examinadas detalhadamente, servem simplesmente como um veículo para grupos autoritários reivindicarem uma posição moral superior em torno de posturas anti-direitos das mulheres e do que frequentemente é referido por comentaristas como questões de "guerra cultural", defendendo a reversão dos direitos humanos. Na realidade, grande parte dessa atividade é impulsionada por contas suspeitas ou por operações de influência maiores, frequentemente financiadas por fontes estrangeiras.



Os ataques temáticos religiosos às mulheres provavelmente aumentarão, especialmente nas áreas relacionadas à saúde reprodutiva e à identidade de gênero. No Brasil, predominantemente católico, a declaração do Vaticano em 8 de abril de 2024, que equiparou a cirurgia de afirmação de gênero assim como a barriga de aluguel como graves violações da dignidade humana, colocando-as no mesmo patamar do aborto e da eutanásia como práticas que, segundo ela, "rejeitam o plano de Deus

para a vida humana", ocorreu após o período de coleta de dados para nossa pesquisa. No entanto, é altamente provável que essa linguagem seja utilizada em futuros ataques, especialmente aqueles relacionados à barriga de aluguel, sendo empregada como arma contra mulheres em papéis não tradicionais e posições de autoridade.

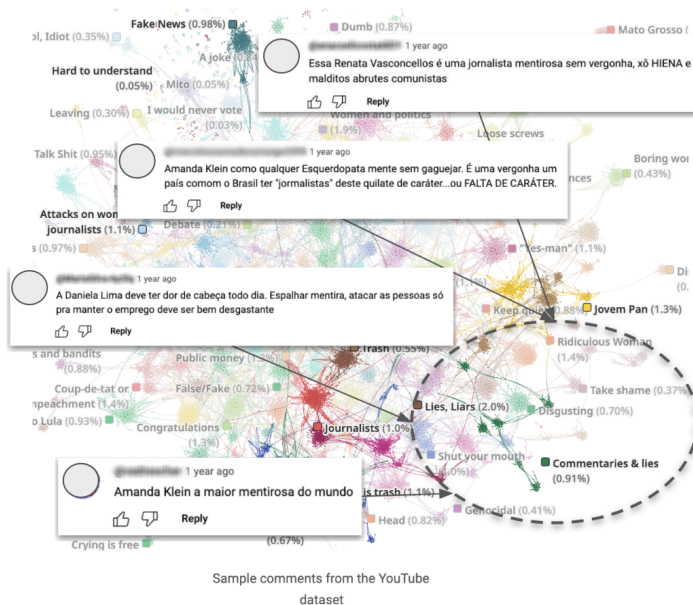
O uso das redes sociais para disseminar desinformação de gênero e ódio contra líderes e jornalistas mulheres é um dos mecanismos mais eficazes para minar as instituições democráticas, fragmentar grupos sociais, exercer influência estrangeira e promover o crescimento de movimentos de extrema-direita transnacionais. Os ataques direcionados a líderes mulheres alcançam um amplo público a um custo relativamente baixo e representam um aviso precoce de retrocesso democrático. Embora os esforços de verificação de fatos e desmentidos sejam importantes, eles não são suficientes para conter a disseminação da desinformação. É necessária uma abordagem coordenada e abrangente de toda a sociedade para fortalecer a integridade da informação com base nos direitos humanos.

Quais são os temas mais comuns de desinformação de gênero no Brasil?

Dúvidas sobre a Capacidade (Qualificações e Inteligência)

As investidas que miravam nas habilidades, inteligência e reputação das mulheres em relação às suas profissões constituíram 75% dos ataques de gênero nos comentários do YouTube, 41% no X e 24% no Facebook. Jornalistas frequentemente eram alvos de

ataques à sua credibilidade, especialmente aqueles críticos de Bolsonaro, que enfrentavam acusações de produzir "fake news" em todas as três plataformas.



As palavras de ataque incluíam "besta quadrada", "burra" e "idiota", "louca", "esquizofrênica", que elas têm "parafuso solto", que elas "não batem bem da cabeça" ou que têm "estrupe na cabeça". Essas mesmas linhas de ataque foram usadas contra políticas progressistas, minimizando sua capacidade de liderança.

## Semear Dúvidas sobre Sua Lealdade / Patriotismo

As linhas de ataque que as acusam de traição, antinacionais ou anti-governo compreendiam 60% dos ataques de gênero no Facebook, 31% no X e 15% nos comentários do YouTube. Essas postagens rotulavam os alvos como "comunistas" ou "bandidas" - para retratá-los como adversários do Estado. Os alvos que tiveram desentendimentos com os Bolsonaros também foram rotulados como "traidoras", acusando-as de trair o Estado ao encerrarem sua associação com os Bolsonaros.

Esta é uma linha de ataque muito perigosa e intencional, que acaba sendo um caminho para a violência física, com uma conexão direta com o caso brasileiro, aplicando-se a jornalistas mulheres que tentaram responsabilizar Bolsonaro. Em 2021, relatórios independentes de organizações de liberdade de imprensa: a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e Repórteres Sem Fronteiras (RSF) concluíram que 2020 foi o ano mais perigoso para o jornalismo profissional na história recente do Brasil. A FENAJ registrou 428 casos de violência contra jornalistas e a RSF identificou 580 ataques a profissionais da imprensa e veículos de mídia. Apesar das diferentes metodologias, ambas as pesquisas identificaram o presidente Jair Bolsonaro, seus filhos, ministros e a Secretaria de Comunicação da Presidência como as principais fontes dos ataques. O número de casos de agressão física aumentou 113%. Houve 32 casos, 17 a mais do que os 15 ocorridos registrados em 2019. Em quase metade, os autores dos ataques eram pessoas comuns. "Identificamos claramente o bolsonarismo como responsável pela explosão da violência física contra jornalistas. [Isso encoraja] pessoas comuns em situações cotidianas a atacar jornalistas e impedir o exercício de sua profissão", disse Maria José Braga, presidente da FENAJ, à LatAm Journalism Review (LJR)<sup>3</sup>.

## Semear Dúvidas sobre Sua Moral/ Atacar Sua Sexualidade



A análise revela que postagens contendo assédio sexual, comentários sexistas ou misóginos e ataques transfóbicos representavam 18% dos ataques de gênero no X, 7,1% nos comentários do YouTube e 4% no Facebook. Entre os insultos misóginos estavam expressões como "mulher chata", "mulher insuportável", "bruxa" e "fraca".

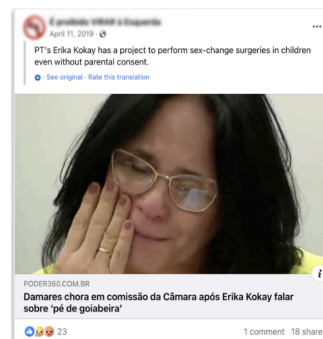
Insultos baseados na aparência física das vítimas, visando retratá-las como antipáticas ou desagradáveis, representavam 10% dos ataques de gênero no X, 4,8% no Facebook e 0,26% nos comentários do YouTube. Esses

<sup>3</sup> <https://latamjournalismreview.org/articles/attacks-journalists-brazil-2020-bolsonaro/> Latam Journalism Review, 27 Janeiro de 2021; financiado pelo the Knight Center.

ataques também eram frequentemente motivados por razões políticas, especialmente direcionados a mulheres que criticavam os Bolsonaro. Os insultos comuns nesta categoria incluíam comentários chamando as vítimas de "feia", "muito feia" e "mulher feia", entre outros.

Pesquisas anteriores<sup>4</sup> demonstraram que a inclusão de linguagem moral e emocional em mensagens resulta em uma disseminação mais abrangente. O fenômeno conhecido como "contágio moral" é influenciado pela afiliação grupal, como religião ou política, no qual a linguagem moral-emocional facilita uma maior propagação dentro de redes liberais e conservadoras, mas é menos eficaz entre elas.

A deputada federal do campo progressista Erika Kokay, que também é defensora dos direitos LGBTQIA+, foi um dos principais alvos. Uma postagem falsa afirmava que Kokay defendia cirurgias de mudança de sexo em crianças, mesmo sem o consentimento dos pais, com o intuito de gerar indignação moral e alimentar conteúdo associado ao movimento QAnon. Além disso, ela foi falsamente acusada de "defender incesto e a destruição da família patriarcal".



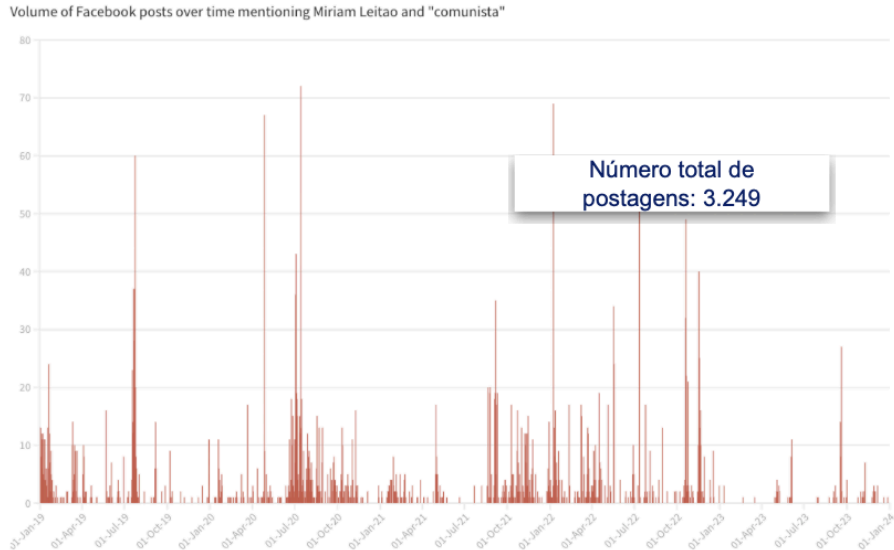
A sexualidade também é usada como base para criar tentativas de prejudicar a reputação das mulheres, como no caso de Patrícia Campos Mello, que, durante os anos Bolsonaro, foi forçada a deixar o país devido à escalada de ameaças violentas que recebeu. No entanto, ela conseguiu judicializar seu caso e demonstrar a difamação que sofreu.

### **A verificação de fatos por si só é insuficiente para combater a desinformação de gênero?**

A checagem dos fatos ***por si só*** é uma medida insuficiente para a desinformação de gênero. As evidências apontadas nesse relatório demonstram o que foi corroborado por pesquisadores dedicados ao combate à desinformação: ***as narrativas falsas se mantêm online mesmo após serem desmentidas por sites de checagem dos fatos***, o que indica esforços coordenados para manter as mentiras circulando. Para ilustrar esse fenômeno, tomamos como exemplo a falsa afirmação de que Miriam Leitão assaltou um banco durante a ditadura militar. Essa narrativa levou a uma série de relatos

<sup>4</sup> "[Social Network Emotional Marketing Influence Model of Consumers' Purchase Behavior](#)," de Sheng Bin, *Sustainability*, **15**, 6, DOI:[10.3390/su15065001](#) (5001), (2023).

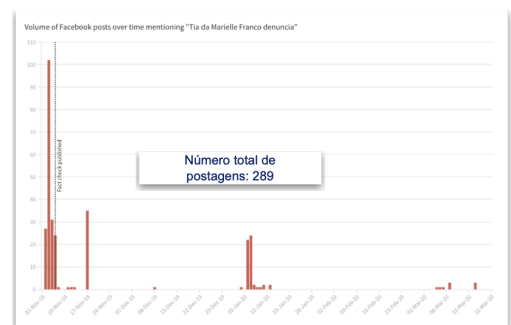
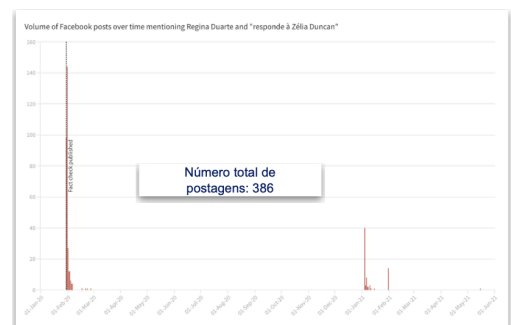
difamatórios retratando-a como uma "comunista" com a intenção de prejudicar o país. As menções ao seu nome em associação ao termo "comunista" continuaram durante o mandato de Bolsonaro, apesar de terem sido desmentidas já em 2018. No gráfico abaixo, é possível observar um pico vermelho representando as repetidas iterações dessa mentira desmascarada, persistindo ao longo do período de 2019 a 2024.



As falsas alegações com o objetivo defender os Bolsonaros e seus aliados foram repostadas várias vezes mesmo após terem sido checadas. Por exemplo, a falsa citação atribuída à Regina Duarte continuou a circular nas redes sociais até 2021, apesar de ter sido desmentida em janeiro de 2020.

Da mesma forma, o vídeo falso que mostrava uma suposta tia de Marielle Franco defendendo Bolsonaro permaneceu no ar até 2020, mesmo após ter sido checada em novembro de 2019. Todas essas postagens, embora algumas tenham sido identificadas como falsas, ainda estão disponíveis nas redes sociais no momento da redação desse relatório.

O contínuo ataque ao caráter de mulheres na política, mesmo quando amparado em informações falsas, fica evidente pela longevidade de táticas semelhantes, como observado com os candidatos



negros brasileiros nas eleições de 2022, rotulados como os "candidatos Marielle Franco".

### **Então os eleitores não se importam de fato com a desinformação de gênero?**

Nossa pesquisa revela claramente que a grande maioria dos eleitores está ciente dos danos causados pelas redes sociais e demonstra preocupação com isso. **Setenta e nove por cento dos entrevistados** afirmaram estar "preocupados" ou "muito preocupados" com a maneira como as mulheres são retratadas nas redes sociais. *Essa preocupação sobe para 85 por cento após receberem mensagens educativas sobre os possíveis impactos negativos na democracia, ou sobre o assédio online e a exploração de mulheres e meninas.*

Os brasileiros são extremamente favoráveis às medidas do governo para proteger mulheres e meninas online. Aproximadamente dois terços (65%) são fortemente a favor da aprovação do "Projeto de Lei das Fake News", e esse percentual aumenta para 77% quando incluímos aqueles que simplesmente apoiam sua aprovação. Mais de três quartos dos entrevistados consideraram importante ou muito importante aprovar regras e regulamentações para combater a desinformação de gênero online.

Quase metade desses eleitores registrados expressaram que não apoiariam um candidato eleito que tivesse uma posição diferente da deles na luta contra a desinformação de gênero, com 19% que afirmam categoricamente que não o fariam.

### **Regular as redes sociais significaria cercear a liberdade de expressão?**

Nossa pesquisa, juntamente com inúmeros outros estudos, destacam o apoio público aos esforços para promover um ambiente online mais seguro para mulheres e meninas. No entanto, há uma preocupação generalizada de que as plataformas não estejam tomando as medidas necessárias por conta própria.

Em 2023, as empresas de tecnologia começaram discretamente a reverter suas políticas de combate à desinformação, reduzindo drasticamente suas equipes de veracidade e segurança<sup>5</sup> durante demissões em massa. A NBC News relatou que o X, anteriormente conhecido como Twitter, reduziu significativamente sua equipe dedicadas à desinformação e à integridade eleitoral<sup>6</sup> apenas algumas semanas após anunciar contratações para essas áreas. A Reuters também informou que o Twitter desativou um recurso que permitia aos usuários relatar desinformação eleitoral na plataforma<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> [Tech layoffs shrink 'trust and safety' teams, raising fears of backsliding efforts to curb online abuse](#) NBC News, 10 February 2023; [Harmful Content Has Surged on Twitter, Keeping Advertisers Away](#) TIME, 19 July 2023

<sup>6</sup> Tech layoffs, NBC News

<sup>7</sup> [Musk's X disabled feature for reporting electoral misinformation - researcher](#), Reuters, 27 September 2023



Em 6 de abril, o CEO do X, Elon Musk, declarou publicamente sua intenção de desafiar uma ordem judicial<sup>8</sup> do Supremo Tribunal Federal que exigia que a plataforma bloqueasse contas associadas a movimentos de extrema-direita<sup>9</sup>. Musk retratou a ordem como inconstitucional e pediu a renúncia ou impeachment<sup>10</sup> do Ministro Alexandre de Moraes, que tem sido alvo de ameaças violentas devido à sua defesa da lei brasileira relacionada às ameaças à integridade das eleições de 2022. Ao alegar que a rede social enfrentaria multas diárias por não cumprir a ordem, Musk aproveitou rapidamente a oportunidade para falar sobre censura do governo brasileiro. Essas ações recebem amplo apoio *online* dos seguidores de Bolsonaro, que estão enquadrando a questão como uma luta pela "liberdade de expressão", "censura" e "liberdade", incluindo figuras como o deputado conservador e autoproclamado "defensor da família" Nikolas Ferreira e Eduardo Bolsonaro. O Advogado-Geral da União, Jorge Messias, foi ao X rebater a reação de Musk, citando uma necessidade "urgente" de regulamentação e afirmou: "Não podemos conviver em uma sociedade em que bilionários com domicílio no exterior tenham controle de redes sociais e se coloquem em condições de violar o Estado de Direito, descumprindo ordens judiciais e ameaçando nossas autoridades".

Posteriormente, o Ministro Alexandre de Moraes anunciou que Musk seria alvo de uma investigação relacionada à alegada utilização criminoso intencional do X como parte de uma investigação sobre uma rede conhecida como milícias digitais. Essas milícias são acusadas de espalhar notícias falsas difamatórias e fazer ameaças contra ministros do Supremo Tribunal Federal. O objetivo da investigação é determinar se Musk esteve envolvido em "obstrução, organização criminoso e incitação".<sup>11</sup>

Os brasileiros ficaram chocados com o ataque à soberania do Brasil e à sua integridade territorial, o que demonstra uma falta de informação sobre a organização das ameaças digitais à democracia, promovidas por atores de extrema-direita. Essas ameaças estão se tornando cada vez mais coordenadas além das fronteiras brasileiras, muitas vezes com a assistência direta ou indireta de empresas de tecnologia.

*“Não se trata do Twitter ou do Brasil. Trata-se de uma estratégia da extrema direita global para superar democracias e instituições democráticas em todo o mundo”, diz Nina Santos, pesquisadora de democracia digital no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD), que*

---

<sup>8</sup> [Elon Musk Is Platforming Far-Right Activists in Brazil, Defying Court Order](#) WIRED, 9 April 2024

<sup>9</sup> [Musk challenges Brazil's order to block certain X accounts](#) Reuters, 8 April 2024

<sup>10</sup> [Elon Musk asks for resignation or impeachment of Alexandre de Moraes in the X](#) Brasil de Fato, 7 April 2024

<sup>11</sup> [Elon Musk will be investigated over fake news and obstruction in Brazil after a Supreme Court order](#) AP News, 8 April 2024

*pesquisa a extrema direita brasileira. "A opinião de um bilionário americano não deveria ter mais peso do que uma instituição democrática." [Wired, April 9, 2024](#)*

## Conclusões

O Brasil é um exemplo preocupante da interligação entre a desinformação de gênero e o retrocesso democrático. Após três décadas de um processo de democratização relativamente bem-sucedido, que se seguiu a uma ditadura militar, o país enfrentou uma rápida deterioração da democracia durante o governo de Bolsonaro, juntamente com retrocessos na proteção ambiental, direitos humanos e igualdade de gênero.

O Brasil não está sozinho nessa luta, e não será o último país democrático a enfrentar esse tipo de ataque à democracia<sup>12</sup>. As táticas de desinformação e os ataques de gênero observados refletem padrões vistos em outros países, como [Hungria, Tunísia e Índia](#), onde grupos iliberais têm usado de forma eficaz plataformas digitais para minar a democracia. À luz disso, o que está acontecendo no Brasil não é apenas importante para o país, mas tem ramificações mais amplas: é um exemplo claro de que os movimentos nocivos que estão testando a democracia em todo o mundo, utilizando as redes sociais para atacar os direitos das mulheres. Eles estão em ascensão e provavelmente voltarão a atacar.<sup>13</sup>

O uso de redes sociais contra mulheres em papel de liderança com desinformação de gênero e ódio é um dos mecanismos mais eficazes para erodir instituições democráticas, dividir grupos sociais, exercer influência estrangeira e apoiar o crescimento de movimentos de extrema-direita transnacionais. Os ataques que visam minar líderes mulheres atingem milhões a um custo muito baixo e representam um aviso precoce de retrocesso democrático. Os esforços de checagem de fatos e apresentação da verdade para expor a desinformação são importantes, mas não são suficientes para impedir sua disseminação. Para isso, é necessário um esforço concertado e coordenado de toda a sociedade para fortalecer uma abordagem baseada em direitos à integridade da informação.

As plataformas digitais frequentemente não conseguem autorregular-se ou priorizar a proteção de seus usuários em detrimento das pressões de lucro do mercado, a menos que sejam legalmente obrigadas a fazê-lo. Elas têm consistentemente falhado em cumprir os padrões mínimos estabelecidos em seus próprios termos de serviço e demonstrado falta de responsividade diante de danos iminentes.

---

<sup>12</sup>U.S. "Stop the Steal" Messages Reverberate to Brazil, and Back Tech Policy Press, 27 October 2022; [The Far Right Rails against Another Presidential Election Loss: Brazil's](#), The Washington Post, 2 November 2022

<sup>13</sup> U.S. "Stop the Steal", Tech Policy Press; [The Far Right Rails](#), The Washington Post



### ***Quem financiou esta pesquisa?***

Em 18 de dezembro de 2023, o Governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, por meio do Foreign, Commonwealth & Development Office (FCDO), concedeu financiamento ao #ShePersisted para conduzir um projeto relacionado a estratégias de comunicação para combater a desinformação de gênero em dois países: Brasil e Moldávia.

### **Agradecimentos**

#ShePersisted tem a sorte de se inspirar em ativistas, especialistas e organizações de referência que contribuem tácita e diretamente para os nossos esforços para combater a desinformação de gênero em nível global. Essa análise não teria sido possível sem o apoio de pessoas-chave, cujas vozes importantes ajudaram a moldar este trabalho e a orientar a nossa investigação. Obrigada Nina Santos, pesquisadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para a Democracia Digital e diretora do Aláfia Lab, por orientar esta pesquisa e servir como assessora desse projeto. Queremos agradecer também à Dra. Marie Santini, da Escola de Comunicação da UFRJ, fundadora e coordenadora do Laboratório de Estudos de Internet e Mídias Sociais da UFRJ (NetLab), um dos principais centros de pesquisa do Brasil em plataformas e redes sociais. Estamos muito gratos pelo apoio de comunicação prestado por Daniela Sequeira para a produção deste relatório e material relacionado.

[www.She-Persisted.org](http://www.She-Persisted.org)